



DEUS & GOLEM, SARI O TESTEMUNHO DE N. WIENER

por RITA PALLA E CARMO e LUIS MONIZ PEREIRA

A ideia de que a criação do homem e dos animais por Deus a reprodução dos seres vivos e a auto-reprodução das máquinas são fenômenos da mesma espécie, é emocionalmente incomodativa, tal como o foram as especulações de Darwin sobre a evolução e ascensão do homem. Se se se comparado a um macaco é uma ofensa ao nosso amor-próprio, se se comparado a uma máquina é o mesmo. Cada uma destas sugestões encontrou na sua época uma forma de reprobção que se ligava, outrora, ao pecado de bruxaria.

AS RAZÕES DO CIENTISTA

Semelhança reprobção é feita hoje em dia, por muita gente, às especulações da cibernetica. Se um cientista, dois séculos atrás, afirmasse poder construir máquinas que aprendem ou que se reproduzem, estaria em apuros com a Inquisição. A não ser que convencesse algum poderoso protector que também sabia converter em ouro os metais vis. Na nossa época, se um inventor conseguir provar a uma sociedade industrial que fará ganhar dinheiro através da magia, poderá dedicar-se à magia negra até ao dia do Apocalipse sem correr riscos pessoais.

Mas o que é a bruxaria, e porque é

que a grotesca pantomina da missa negra é tão severamente condenada?

A missa negra deve ser considerada do ponto de vista do crente ortodoxo. Para o não crente, ela não passa de uma cerimónia sem sentido. Aqueles que nela tomam parte estão próximos da ortodoxia. O seu princípio é o dogma cristão pelo qual o padre opera um milagre real em que a hostia se transforma verdadeiramente no corpo de Cristo.

O crente ortodoxo e o bruxo acreditam, um e outro, que após o milagre da Eucaristia a Presença divina na hostia é capaz de produzir novos milagres. Igualmente creem que a transubstanciação só pode ser operada por um padre ordenado. Finalmente, que tal padre não perde mais o poder de efectuar o milagre, se bem que o faz a expensas do perigo certo da danação.

O PECADO DE SIMONIA

Partindo destes postulados, não espanta que espíritos avaros, mas empreendedores tenham querido utilizar este poder a seu proveito? É aqui, e não nas orgias ímpias, que reside o pecado essencial da missa negra. A magia divina é intrinsecamente boa; a sua perversão por outros fins que a maior parte de Deus constitui um pecado mortal.

É este o pecado que a Bíblia atribui a Simão o Mágico, que tentou negociar com São Paulo a compra dos poderes milagrosos dos cristãos. Imagino, sem dificuldade, o espanto do pobre homem, quando Paulo recusou uma transacção que, aos olhos de Simão, era um negócio comercial natural e honesto. É uma atitude que encontramos quando nos recusamos a vender uma invenção a um moderno chefe de indústria.

A cristandade sempre considerou como pecado a simonia, quer dizer a compra e a venda das funções da Igreja e dos seus poderes sobrenaturais. Dante consignava os simoníacos aos mais profundos círculos do inferno. Na sua época, era um pecado de grande importância. Nos nossos tempos mais racionais, desapareceu naturalmente. Será uma certeza?

Os poderes da idade da máquina não são já, certamente, sobrenaturais, mas parecem ultrapassar o curso ordinário da natureza para o homem da rua. Nós, porventura, já não interpretamos como sendo ~~nosso dever, essas grandes poderes~~ a nosso dever consagrar esses grandes poderes à maior glória de Deus, mas ainda nos parece desonesto consagrá-los a fins inúteis ou egoístas. É pecado utilizar a magia da automação moderna para proveito pessoal ou para desencadear os terrores apocalípticos da guerra nuclear. Se este pecado deve ter um nome, que seja o de simonia ou de bruxaria.

Quer acreditemos ou não em Deus e na sua maior glória, nem tudo nos é permitido. A diferença de Adolfo Hitler, não atingimos ainda o cume da sublime indiferença moral que nos coloca acima do Bem e do Mal. Enquanto conservarmos algum vestígio do discernimento ético, o emprego de grandes poderes para atingir fins indignos será o pleno equivalente moral da bruxaria e da simonia.

Equilíbrio poderemos fabricar autómatos, de metal ou simplesmente em teoria, o seu estudo será uma fase legítima da curiosidade humana, e a inteligência humana é aviltada quando o homem coloca limites fixos à sua curiosidade. No entanto, algumas das motivações da automação ultrapassam a curiosidade legítima e são de natureza pocumínosa.

O ERRO DA BRUXARIA

A Igreja não foi a única a prevenir-se contra o feiticeiro, mas também o senso comum da humanidade, acumulado em lendas, mitos e escritos dos homens de letras conscientes. Todos estes textos sublinham que a feiticaria não é apenas um pecado que conduz ao inferno, mas ainda um perigo pessoal nesta vida. Na história da Mil e Uma Noites, O Pescador e o Gênio, ou no Aprendiz do Feiticeiro, de Goethe, que ilustram perfeitamente o perigo de desencadear desconsideradamente as forças mágicas, um deus ex machina evita a catástrofe final. Mas o autor Hughes W. W. Jacobs levou o tema até à sua conclusão lógica, num conto intitulado A Pata do Macaco, clássico da literatura de horror.

Um sargento da armada das Índias está de visita a uma família de operários ingleses. Mostra uma pata de macaco a qual tem o poder de executar três desejos. Herdou o talismã dum homem morto de maneira cruz, quanto às suas próprias experiências, são horríveis de mais para serem contadas.

Deita a pata de macaco para o fogo da lareira, mas o espírito sobrevive e chama e insiste em experimentar o seu

poder. O filho da casa parte entretanto para o trabalho na fábrica. O anfitrião faz um primeiro desejo: receber duzentas libras para se libertar duma hipoteca. Pouco depois, um dos directores da fábrica vem comunicar que o filho acabava de morrer num acidente. A fábrica não é de modo algum responsável, mas insiste em oferecer-lhe duzentas libras.

Cai a noite. Envolta em sofrimento, a mãe faz o segundo desejo: que o filho volte. Batem à porta com golpes assustadores: o cadáver do filho obedeceu à intercedência mágica. O terceiro desejo faz voltar a morte a aparição monstruosa.

O tema comum a todos estes contos é que a magia acolhe as ordens literalmente, com uma falta desumana e impiedosa de interpretação. Ela realiza as palavras e não a intenção. A magia da automação manifesta a mesma obediência literal.

Se jogar a um jogo de guerra em computador com determinada interpretação convencional do que é vitória, a vitória poderá ser obtida custe o que custar, até mesmo a expensas da própria extinção, a menos que esta condição de sobrevivência esteja explicitamente contida na definição de vitória para a qual a máquina tiver sido programada.

Trata-se algo mais do que um inocente paradoxo verbal. Sabe-se que a Rússia e os Estados Unidos acalentam a ideia de utilizar máquinas, máquinas que aprendem, para determinar o momento de carregar no botão do bombardeamento atómico.

Hoje não existem peritos para a guerra atómica; ninguém tem a mínima experiência de um conflito em que os dois campos tenham utilizado os engenhos atómicos. A destruição das nossas cidades pela arma atómica, a desmoralização do nosso povo, a fome e a doença (que causarão mais perdas que a explosão e as radiações radioactivas imediatas) só são conhecidas através da conjectura.

Mas os autores dessas conjecturas não são de uma objectividade rigorosa. Os generais e os almirantes têm de conservar as suas posições; os fabricantes de foguetões têm de preservar o seu mercado; o clero e os patriotas beneficiam do entusiasmo que, lentamente, decorre da cruzada.

Resumindo, enquanto existir um jogo de guerra para manter uma tal campanha, muita gente esquecerá as suas consequências, pedirá as duzentas libras sem especificar que o filho deverá sobreviver.

Enfim, realizamos habitualmente os nossos desejos, na medida em que os realizamos, através de um processo de retroacção, graças ao qual comparamos os objectivos intermédios efectivamente atingidos, com os que nos tinhamos proposto. Assim, passando a retroacção pela nossa consciência, podemos recuar antes que seja tarde. Se a retroacção está incluída numa máquina que não pode ser inspecionada antes do seu objectivo ser atingido, as possibilidades de uma catástrofe são grandes. Eu não gostaria nada de viajar num automóvel equipado com aparelhos de condução automática sem possuir meios de recuperar o controle se me visse ir directo a uma árvore.

LEITURAS

- 1) WIENER, N. — God and Golem Inc., M. I. T. Press.
- 2) WIENER, N. — I am a mathematician, M. I. T. Press.
- 3) WIENER, N. — Ex-Prodigy, M. I. T. Press.
- 4) WIENER, N. — Cybernétique et Société, Union Générale des Editions.